

## Carta Pastoral – Quaresma – 1889

Estamos muito preocupados com os perigos que circundam a juventude cristã de nossos dias. Perigos em relação à fé agitada pelo vento da incredulidade e dos sofismas da ignorância; perigos da escola onde o gelo da indiferença por tudo o que diz respeito à religião, mata ao início, os germes das virtudes...

Tradução de Irmã Lia Barbieri, mscs  
CSEM – Brasília – abril de 1997

Revisão de Irmã Erta Lemos, mscs  
PNSA – São Paulo – novembro de 2002

### *Carta Pastoral*

Estamos muito preocupados com os perigos que circundam a juventude cristã de nossos dias. Perigos em relação à fé agitada pelo vento da incredulidade e dos sofismas da ignorância; perigos da escola onde o gelo da indiferença por tudo o que diz respeito à religião, mata ao início, os germes das virtudes; perigos dos costumes insidiados em toda parte por torpes ações, pela imprensa obscena e palavras descaradas; perigos das associações e dos espetáculos que, sob as mais belas aparências, não têm em mira, muitas vezes, que fomentar as paixões e subverter toda a ordem; perigos dos maus companheiros, que, com seus depravados exemplos afastam do caminho do bem e arrastam, pouco a pouco, ao caminho do vício; perigos do respeito humano que, despojando o homem de sua dignidade e da santa liberdade de filho de Deus, torna-o escravo do mundo; perigos do materialismo e da sexualidade que, não só prejudicam o corpo, como degradam a alma, debilitam o caráter, pervertem a mente; perigo do luxo que destrói a simplicidade do viver e oferece, também entre as classes mais pobres, o espetáculo de uma vaidade que chega, muitas vezes, ao ridículo; perigos de uma literatura que, por meio de romances e revistas, destila nos corações o mais requintado veneno; perigo enfim deste sopro de independência, que penetra por tudo, que passa sobre todas as frentes, que agita, já desde os bancos escolares, as crianças e os adolescentes e, sempre mais subtraindo forças à autoridade, aumenta aos demais perigos um perigo ainda maior.

Tudo isso nos preocupa, veneráveis Irmãos e Filhos queridos, e aproveitamos, de bom grado, a ocasião que se nos oferece da iminente Quaresma para exortar-vos em nome de Deus a redobardes atenções e zelo em promover a educação cristã, porque somente ela pode reverter aqueles perigos e salvar a nova geração.

Em outras ocasiões abordamos este importante argumento. Desta vez não faremos que acrescentar algumas considerações e dar-vos algumas sugestões úteis a respeito.

Uma boa educação é o primeiro fundamento da sociedade humana, *e eu, escreve Leibnitz, sempre acreditei que se reformaria o mundo se a educação fosse reformada.*

Em que consiste, pois, a verdadeira educação? Talvez em aprender bem um trabalho ou uma profissão qualquer, ou na arte de se apresentar no mundo com graça? Isto poderá ser a casca da educação, diríamos, o verniz, mas não é a educação.

Tão pouco queremos confundir, como muitos costumam, a educação com a instrução, fazendo consistir numa só e mesma coisa uma e outra. A instrução se dirige ao intelecto, a educação se orienta para a vontade. A instrução faz pessoas doutas, a educação forma pessoas virtuosas. A primeira tem em vista a ciência, a segunda aponta à consciência. Aquela tem razões de meio, a segunda tem razões de fim. A educação, portanto, está acima da instrução e da ciência, como o bem sobrepuja o verdadeiro e a virtude supera em mérito o talento.

E no entanto hoje não se fala que de iluminar a mente. Instrução, se grita por toda a parte, instrução! E está bem. Discípulos daquele Deus, que ama chamar-se o Deus da

ciência, amamos também nós os estudos elevados, amamos quem a eles se dedica e os cultiva, desejamos que todos, o rico e o pobre, o concidadão e o plebeu, cada um de acordo com seu próprio grau, adquiram o conhecimento necessário e conveniente ao próprio estado. Aliás, nós por primeiro reputamos uma conquista tudo o que contribua a fazer-nos avançar, ainda que um só passo em direção do progresso civil e saudamos com júbilo o reflorescimento da pátria que se embeleza de novas glórias. Persistir no obsoleto e agarrar-se como pólipos aferrados ao antigo, crucificar tudo o que tem ares de inovação no próprio terreno dos fatos, suscitar desconfiança contra quem não sabe dobrar-se a representar o sistema da mumificação, ou da idade da pedra, não, não é Evangelho, não é religião, é sintoma de ignorância e de obstinação, antes que de sabedoria e honestidade.

Cultivem-se, sim, as artes e as ciências, desde que se entenda bem, que não devem ultrapassar os seus limites naturais. A luz do ensinamento se difunda largamente em toda a parte, mas não se esqueça de unir instrução à educação. Aquela sem esta seria mais perniciosa que benéfica, visto que colocaria nas mãos da pessoa uma força sem fornecer-lhe o meio de moderá-la. Diz o Pontífice reinante: *“Não se pode de nenhuma forma renovar sobre a criança o juízo de Salomão e dividi-la ao meio com um corte irracional e cruel entre sua inteligência e sua vontade: enquanto se inicia a cultivar a primeira, faz-se necessário encaminhar a segunda à aquisição de hábitos virtuosos e do fim último. Quem, na educação, transcura a vontade, concentrando todos os esforços no cultivo da mente, chega a fazer da instrução uma arma perigosa em mãos de malvados. É o argumento da mente que se agrega à malquerença e... contra o qual não se pode fazer nenhuma reparação”*.

Perguntai a muitas pobres mães, a tantos pais desolados. Têm eles aquele filho, aquela filha que em fato de instrução nada deixam a desejar. Sabem tudo, se quereis, sobre física, aritmética, geografia, desenho, música... e no entanto observai como crescem indóceis e desobedientes! Quanta presunção naquelas cabecinhas! Quanta arrogância! O que significa? Não têm educação.

Consultai as estatísticas hodiernas. Multiplicam-se as escolas, investe-se largamente e sem medida dinheiro para mantê-las, propaga-se com rapidez nunca vista a instrução, e entretanto crescem espantosamente as desordens, e os jornais de todas as cidades e com todas as tintas, fazem, cada dia, arrepiar com as notícias de greves, roubos, furtos, fraudes, obscenidades repugnantes, suicídios execrands, maldades atrozes. Quem são seus autores? Pessoas, no mínimo saídas das escolas públicas, a quem não falta certa instrução, mas que são privadas totalmente do que mais importa: de educação.

O que é portanto a educação, segundo os princípios da fé cristã e o que dizer segundo a verdade? É o aperfeiçoamento moral da pessoa, ou como se diz, uma cultura diligente e assídua, que abre o coração à virtude e forma posturas gentis.

A palavra **educar** tem algo em si que merece estudo. É uma palavra derivada da língua latina e significa tirar para fora o que está dentro, abrir e desenvolver o que está fechado em germe. Ora, aplicando à pessoa aquela palavra convém dizer que a educação seja a maneira de desenvolver os germes que jazem no coração humano e trazer à luz o que está escondido naqueles germes. Este modo de falar pressupõe que Deus tenha colocado no coração da pessoa algo semelhante ao germe de onde sai depois, a flor delicada e perfumada.

É o que acontece. O educador, falando seriamente, não coloca nada de fora na alma do educando, antes porém, com ação diligente e amorosa, desdobra e desenvolve o que está latente no recôndito do coração e faz florescer as sementes e os germes não só das virtudes naturais, mas ainda aqueles germes felizes e aquelas sementes de virtudes sobrenaturais, que foram implantadas pelo o Batismo em nossa alma.

Nisto consiste a verdadeira e sólida educação, nisto a vossa obra, ó pais, ó mães, ó mestres, ó educadores, ó sacerdotes, ó párocos, ó vós todos que sois chamados de algum modo ao nobre e divino ofício de educar a juventude.

Note-se porém que, junto aos germes do bem se encontram no coração do homem os germes do mal. A criança carrega no fundo do seu ser as sementes de um criminoso ou de um santo.

A vossa obra, portanto, queridos Irmãos, deve outrossim ter em mira sufocar, em tempo, a semente perversa para que a boa possa levantar-se e germinar vigorosa. Deveis romper os instintos da vontade e do orgulho que se manifestam desde a infância, deveis fazer com que a criança siga, não já o ímpeto da paixão, mas o impulso da virtude, que se habitue a agir pela retidão do bem que ilumina a mente e não pela atração do prazer que seduz e corrompe os sentidos. Direis vós, como conseguir isto? Enxertando nos ânimos desde os mais tenros anos o santo temor de Deus. Entretanto gravai bem, ó meus queridos, em vossa mente: educação verdadeira não é possível sem Religião. Educar a criança é depositar a verdade, toda a verdade, na sua mente, desde a mais simples à mais elevada, é abrir seu coração aos mais nobres sentimentos, aos da pureza mais delicada e da honradez mais pura, é fazer palpitar sua alma diante das palavras: Deus, pátria, liberdade, igualdade, fraternidade, tais como as consagra o Evangelho. O que não se pode fazer senão com o ensino dos preceitos da religião, com o auxílio de uma autoridade superior, a qual no dia e hora estabelecidos, pune o vício e recompensa a virtude.

Uma educação sem religião é uma lei sem legislador, sem sanção, sem autoridade, uma casa sem alicerces. Poderíamos aludir a este propósito o testemunho de milhares de autores confiáveis, mas bastarão poucos.

*Importa sumamente à família humana e a cada membro que a compõe, que cada homem conheça e cumpra os deveres prescritos pela lei de Deus em relação ao seu próximo e a si mesmo. Eis o que devemos incessantemente nos ensinar reciprocamente, eis, sobretudo, o que constitui o objeto da instrução dos pais e das mães com respeito a seus filhos, assim afirma Rousseau.*

*O primeiro aprendizado essencial à juventude há de ser a Religião, que é a única base da moral... A religião seja a primeira lição, aliás, a lição de todos os dias, diz Diderot.*

*Precisaria arrastar perante os tribunais aqueles pais que enviam seus filhos às escolas que têm escrito em suas portas: aqui não se ensina Religião, diz Victor Hugo.*

Ouvi agora o sumo jurisconsulto e político que foi o ministro Portalis. *“É tempo, gritava ele do alto da tribuna dez anos após a proclamação da República da França, é tempo de que as palavras cedam lugar aos fatos. Não há instrução sem educação, e não há educação sem religião. Há dez anos os professores ensinam no deserto, porque há dez anos eles gritam para que não se fale de Religião nas escolas. Sem idéia de Deus, sem noção do que é justo e injusto, os filhos do povo adquirem costumes bárbaros e ferozes e são uma ameaça às gerações presentes e futuras”.*

Sobre este ponto a voz dos mais sábios literatos, filósofos e políticos, antigos e modernos, crenes e incrédulos se confunde com a do Sumo Pontífice Leão XIII, que desde o princípio de seu Pontificado, escrevia: *“A educação, sem a contribuição da doutrina e da moral cristã não pode gerar senão uma prole que, guiada apenas pela cobiça perversa e pela própria razão, traz às famílias e à sociedade gravíssimos danos”.*

Educação e Religião são, pois, duas coisas inseparáveis e esta deve ser a base daquela. É necessário, portanto, fazer brilhar na mente da criança a luz daquelas verdades que devem ser a norma de seu pensar e agir, e aprender, de modo claro, fácil, autorizado,

estável e eficaz todos os seus deveres. É preciso pegar esta jovem criatura do berço e conduzi-la suavemente ao seu fim supremo, que consiste em conhecer o seu Criador, amá-lo e servi-lo para ir depois gozá-lo eternamente. É preciso, em outras palavras, instruir o educando, mas instruí-lo cristãmente.

Instrução Religiosa, eis o grande meio da educação cristã, eis a necessidade suprema do nosso tempo e eis, repito, vosso dever supremo, ó pais. *Tendes filhos?* Pergunta o Senhor pela boca do Eclesiástico: *instrui-os e orientai-os ao bem desde a infância.*

Que seja este vosso precioso dever, quem pode pô-lo em dúvida? Direis: quem é esta criatura que vem por vosso meio a crescer o número dos vivos? Esta criatura é uma pessoa. Este ser, tão gracioso e frágil, como se expressa um insigne escritor, hospeda uma alma que é de origem celeste, qual hálito do coração de Deus e raio de sua beleza imortal, uma alma resgatada por Jesus Cristo a preço de seu Sangue, uma alma que o santo Batismo purificou e na qual o Espírito Santo difunde suas graças mais puras e encontra suas mais vivas complacências. Ó pais, ó mães, cumprimentai esta celeste estrangeira, que veio estar ao vosso lado, inclinai-vos diante deste hóspede divino, que recolheu as asas para habitar convosco sob o nome sempre bendito de vosso filho ou de vossa filha. Este corpinho que vedes e tanto vos encanta, não é senão o invólucro e o santuário de um espírito muito mais nobre do que o que vedes, que veio de Deus e a Deus deve voltar. Fixai bem este pensamento. Deus vos associou a si mesmo na obra de dar vida material a este ser, e quer servir-se de vós para alimentá-lo e cultivar sua vida espiritual, de modo que cumpra sua missão na terra e alcance seu destino no Céu.

Nisto deve se inspirar e a isto dirigir-se, ó pais e mães, o amor pelos vossos filhos. Deve ser, não já um amor carnal, entendido apenas como ternura por eles ou de utilidade que pudesse resultar para vós, mas sim um amor puro e desinteressado, um amor de sacrifício, um amor que cuida mais da alma que do corpo, um amor que se nutre do desejo de fazer deles santos e bem-aventurados do Céu, antes que ricos e felizes da terra, um amor, enfim, que se revelava nos pais e mães dos primeiros tempos cristãos.

Os documentos mais autênticos atestam quais eram os cuidados intrépidos os pais deviam testemunhar para inspirar nos filhos, desde cedo, sentimentos sérios e religiosos. Considerando os filhos como um bem celeste, como um precioso depósito que Deus lhes confiara, eles punham toda diligência, todo desvelo, e entusiasmo, no trabalho de formá-los sobre as verdades da fé. Assim se perpetuaria uma série de conselhos importantes e de obras de piedade que unia os pais aos filhos e proporcionavam à Igreja, à sociedade membros fortes, figuras gigantescas, heróis que até hoje causam admiração só de olhar para eles. O pai e a mãe devem ser os primeiros mestres e a família a primeira escola das crianças.

Este magistério cristão deve começar ser exercitado em relação aos filhos desde os mais tenros anos. Está escrito que o homem será, na velhice, o que foi na sua adolescência, será bom ou malvado de acordo com os bons ou maus princípios que tivemos pressa de inculcar na jovem alma.

A experiência confirma este oráculo do Espírito Santo. Ela nos ensina que as primeiras impressões são poderosas e geralmente decisivas para toda a vida. Portanto, com que amoroso desvelo gravar no coração de todos esta verdade. É na primeira idade que as lições de fé e de moral se imprimem mais facilmente na memória, que as verdades cristãs tocam mais vivamente no espírito que as tenras convicções da piedade comovem mais poderosamente o coração. Sobre a cera mole se imprime facilmente a imagem de Deus, mas se requer o cinzel e se exigem esforços e tempo para gravá-la no mármore. Quando não se tem ainda preconceitos para dissipar, nem maus hábitos para corrigir, mais facilmente a alma se amolda aos santos deveres. Quando é que o experiente agricultor coloca a estaca ao arbusto para que não tome posição errada? Não é talvez enquanto este é ainda tenro? Ele sabe que mais tarde seria inútil. Assim deveis fazer

vós, meus queridos.

A semente da fé e da religião que espalhardes no terreno ainda virgem da infância se tornará bem cedo o suporte. Então o sentimento cristão colocará nela raízes profundas e crescerá como uma árvore forte. Os ventos das paixões poderão sacudi-la, poderão atirar ao chão os frutos, quebrar-lhe também algum galho, mas o tronco assim despido permanecerá firme e ao primeiro sol da primavera fará brotar novos ramos e dará frutos abundantes. Que outra coisa nos quer ensinar Jesus Cristo ao demonstrar tanta predileção pelas crianças? Deixai, dizia com ternura inefável aos Apóstolos, *deixai que as crianças venham a mim!* Como a dizer: talvez um dia, as paixões se levantarão e abaterão vossa obra. Venham, portanto, a mim, enquanto são inocentes e aprendam a conhecer-me. Poderão depois, esquecer-me, é verdade, mas voltarão, tendo ao menos sabido por experiência da felicidade que se goza em estar comigo...

Instrução, pois, veneráveis filhos e irmãos queridos, instrução religiosa, ou em outras palavras: Catecismo! Sendo precisamente o Catecismo o fundamento dessa instrução. Pudéssemos deste livro fazer-vos apreciar como convém toda a grandeza e importância, toda a eficácia!

O Catecismo é o eixo da vida cristã. Para usar a bela expressão dos mais doutos escritores modernos, é o livro dos livros, e ainda que tenha aparência de um livrinho muito humilde, excetuando a Bíblia, supera todos os outros. A razão é que ele contém em seus primeiros germes a profunda e santa doutrina deixada por Jesus Cristo à Igreja, como o mais belo de seus tesouros. Contém, não só tudo o que ensinam o Papa e os Bispos hoje, mas o que eles ensinarão sempre: não só os dogmas cristãos, mas a teologia, a filosofia e a literatura católica, são frutos daqueles germes catequéticos, sem os quais nunca teriam vindo à luz e ainda agora, daqueles germes, haurem alimento e vida. Quem pois, quiser conhecer toda a bondade e beleza do Catecismo católico, deve fazer como aquele que, tendo nas mãos algumas sementes, não se contenta de lançar um olhar sobre elas, mas considera as potencialidades que elas escondem e pensa que aquelas sementes, colocadas em condições favoráveis, se tornam, aos poucos, grandes árvores, ricas de galhos, folhas, flores e de frutos.

Eis o Catecismo! Examinai-o até por pouco, mas atentamente, e vereis como este livro admirável, este código de sabedoria popular, ainda que pequeno, contém o que para nós é mais necessário saber, isto é, a ciência sobre nosso destino com os meios para alcançá-lo. Adapta-se a todas as idades, responde às necessidades de todas as condições e de todas as inteligências, resolve de forma determinante e segura todos os problemas da vida e sozinho basta para formar bons cristãos e virtuosos cidadãos. Com fórmulas claras, breves e precisas, que aos poucos se desenvolvem e crescem, ele faz nascer a fé nos pequenos, a alimenta nos adultos e, nas pessoas maduras, a corrobora e a fortifica. O estulto vê nele a virtude sem estudo e sem fadigas, o sábio admira nele as respostas da ciência, antecedidas pela fé, e quem ama a popularidade do saber fica enamorado daquela profusão de luz que, enquanto irmana o filósofo com o homem comum no conhecimento das mesmas virtudes, coloca na boca dos pequenos os ditames da mais elevada sabedoria.

O Catecismo é o código da humanidade, e é o código da humanidade não só porque contém a doutrina mais excelente, mais sublime, mais necessária de todas as outras doutrinas, mas porque dada por Deus, legislador supremo, aos homens de todos os tempos e de todos os lugares. As constituições dos reinos e dos impérios são códigos particulares e limitados, que obrigam só uma porção do gênero humano, mas o Catecismo é um código universal. Aqueles são mutáveis pela necessidade de aperfeiçoamento, ou pela instabilidade dos legisladores, mas este é por si mesmo perfeito, porque feito por Deus, de quem são perfeitas suas obras e porque Deus não é como o homem que muda. Aqueles regulam somente as ações externas e não pensamentos, modera as paixões, exclui todo vício, orienta os afetos a um fim santo e insere nele todas as virtudes.

Não acrediteis que sem o Catecismo se possa estabelecer uma moral que vincule as vontades humanas. Nenhum poder constituído tem direito de exigir obediência se não se apóia na autoridade divina. Como se expressa muito bem um moderno apologista, não se pode obrigar a obedecer os filhos aos pais, os servos ao patrão, os súditos ao príncipe se não se disser a eles: Esta é a ordem de Deus. Podeis escrever admiráveis tratados de moral, tentar todas as vias para fazê-los assumir: mas nem a beleza da virtude que não vale para atrair os ânimos rudes, nem a honra que muitos não cuidam, nem o interesse que muitas vezes falta e nem o temor que os perversos desprezam, podem obter obediência geral e estável aos vossos preceitos. E portanto, não só são ímpios, mas insensatos os que querem introduzir uma moral civil ou, como dizem, independente. Que moral será essa, se fica limitada a uma exterior polidez? E quem a observará se ela não encerra uma sanção válida, ou que regra seguirá se se declara independente?

Continuai pois, com esta moral sem Catecismo e vereis que belos frutos recolhereis! Onde se encontrará boa fé e honestidade no falar, fidelidade nos contratos, obediência nos filhos, amor mútuo nos cônjuges, reta administração da justiça e dos bens públicos e privados? Perguntamos novamente, de onde vêm aqueles inúmeros e espantosos crimes que deploramos cada dia? De gente que não foi educada na escola do Catecismo ou que há muito tempo o abandonaram. E reiteramos a pergunta: Aonde se irá parar?

Aonde? Com lento, mas diabólico trabalho, foi-se afastando o pobre povo do Catecismo, foi-lhe raptada a fé de seus pais. Ousou-se ensinar-lhe a blasfemar contra Deus, a profanar as festas, a esquecer Jesus Cristo, a desprezar a Igreja, o sacerdócio, a não respeitar mais nada. Os modernos reformadores quiseram instilar no coração as mais selvagens doutrinas, a enaltecer os triunfos da força e os direitos da revolução: Adularam-no e oprimiram-no, foi adorado como um deus e tratado como um estúpido. Acenderam-lhe no peito a sede de gozar sobre a terra, de gozar somente na terra, de gozar sempre, e depois deixaram-no morrer de fome!

Pois bem, escreve um eloqüente orador, este povo que não se lembra mais as lições do Catecismo católico e que não crê mais em Deus, pede aos grandes, aos poderosos, aos afortunados do século, os títulos de sua grandeza, de seu poder, de sua próspera fartura. Pedem a vós, ó reis, ó legisladores, ó magistrados, ó ricos. Pedem especialmente a vós, filósofos, literatos, publicitários, pregoeiros e propagadores do ateísmo moderno. Este povo que não ama mais a Deus, quer outras divindades que encham o vazio de seu coração. O dinheiro, eis o seu deus, o prazer, eis o seu deus, a independência de qualquer outro homem, eis o seu deus. Fazei-me, vos diz, fazei-me deuses conforme aos meus amores, saciai minha ambição, minha sensualidade, meu orgulho. Este povo que não espera mais em Deus, que não espera mais nada além do túmulo, bate às vossas portas, ó proprietários, pequenos e grandes, e vos dizem: eu também necessito de felicidade, dai-me a minha parte de terra. E se lhe dirá: vens muito tarde; as partes já estão feitas. E se lhe responderá: as tuas pretensões são absurdas, são a ruína do consórcio civil. Se as partes estão feitas, desfaçam-se, se a sociedade presente deve morrer, que morra; eu necessito, tenho o direito, tenho o dever de ser feliz: tudo o que essencialmente se opõe a esta necessidade, a este direito, a este dever, não pode ser outra coisa que injustiça e desordem.

Não são estas, ó meus queridos, legítimas conseqüências dos princípios errôneos que foram colocados? Fala-se muito bonito de civilização e de progresso, anuncia-se aos povos que o reino da razão e da justiça, da liberdade e da paz, da igualdade e da fraternidade finalmente chegou. A terra treme sob nossos pés, e creiamos ou não nas maravilhas da era moderna, com o hino nos lábios e as lágrimas nos olhos, nem todos percebemos que o edifício social vacila em toda parte.

Que fazer então? Voltar ao ensino religioso, ao Catecismo. Dar outra vez a fé ao mundo,

os amores, as esperanças celestes que Jesus Cristo trouxe à terra, e das quais o Catecismo é a base. O resto, escrevia a respeito um renomado periódico, é ilusão, é sonho, é quimera. Não há força de leis políticas, nem de sistemas econômicos, nem de descobertas filosóficas, nem de instituições filantrópicas que sirvam para salvar da ruína esta barbárie, disfarçada de civilização.

É necessário o Catecismo. Proclamou-o, não há muitos anos, Adolfo Thiers, abismado pela imensa corrupção social e ameaças à pátria. Nem pensava diversamente o célebre Troplong, que no final da vida, dizia estas admiráveis palavras: *Depois de ter lido, estudado e vivido muito, quando se aproxima o momento da morte, a gente fica sabendo que existe uma única coisa essencial para este mundo: o Catecismo.* Sim: o Catecismo é a única coisa verdadeiramente essencial ao indivíduo, à família, à sociedade civil.

Proclamamo-lo em alta voz, e não nos cansamos de repetir: é preciso voltar ao Catecismo e à religião de nossos avós, se se quer por freio à libertinagem e à desordem. É necessário voltar ao Catecismo, se se quer que as coisas privadas e públicas venham finalmente a prosperar. É preciso voltar ao Catecismo se se quer a verdadeira civilização, a verdadeira grandeza da pátria.

Escreveu o Pontífice, já citado, não foi o ensino do Catecismo que renovou o mundo, que santificou e civilizou entre os homens as relações mútuas, que tornou mais delicado o sentido moral e educou a consciência cristã que reprime moralmente os excessos, reprova as injustiças e eleva os povos fiéis acima de todos os outros povos? Dir-se-á talvez que as condições da idade que corre tornaram aquele ensinamento inútil e nocivo? Mas a saúde e a prosperidade dos povos não têm nenhuma tutela fora da verdade e da justiça, das quais a presente sociedade sente tão viva necessidade, e às quais o Catecismo católico conserva plenamente intactos seus sagrados direitos. Por amor, portanto, dos frutos preciosos que já se recolheram e justamente se esperam daquele ensinamento, dever-se-ia promovê-lo com toda a força. Mas, pelo contrário, que lástima! Que vergonha! Procura-se privar a atual geração do contato com o Catecismo, banindo-o até das escolas públicas!...

Dizemos *bani-lo*, porque a atitude tomada de ministrar instrução religiosa somente àquelas crianças, que tenham feito pedido expresso, é de tudo ilusório. Não se consegue, afinal, compreender como os autores da malfadada disposição não se tenham alertado da impressão negativa que deve causar no ânimo dos educandos ver o ensino religioso colocado em condição diferente dos outros. O educando que, para ser incentivado a um estudo diligente, necessita conhecer a importância e a necessidade daquele que lhe vem ensinado, que interesse poderá ter por um ensino que a autoridade escolar se mostra fria ou hostil, tolerando-o de má vontade? E se houvesse (como não é difícil encontrar) pais que, por indisposição de ânimo, ou muito mais, por ignorância, não pensassem em pedir para seus filhos o benefício da instrução religiosa, ficaria uma grande parte da juventude privada dos salutares documentos, com extremo dano não apenas daqueles inocentes, mas, como vimos, da mesma sociedade.

E, estando as coisas em tais extremos, não seria um dever de quem dirige a escola remediar a malícia ou o descuido dos outros? Não é uma crueldade que as crianças cresçam sem idéias e sentimentos religiosos, até que sobrevinda a turbulenta adolescência se encontrem frente a lisonjeiras e violentas paixões, desprovidos de qualquer freio, com a certeza de serem arrastados pelos lúgubres caminhos do delito?

E, no entanto, é assim. Promovendo, como se faz hoje, em nome da ciência e da liberdade, a escola leiga, não se visa outro que arrancar a juventude da religião e da família, para sacrificá-la, de alma e corpo à maçonaria que impera. Até nisto os modernos reformadores se esforçaram de esconder com subtil astúcia seu intento. Podia-se crer, que defendendo as pretensões do Estado sobre a educação, eles

pensassem antes em servir seus próprios interesses que prejudicar a Igreja, que os dirigentes das coisas públicas se propusessem a forjar em seus sistemas, sem um passado, as gerações do futuro, quando reservavam só para si o direito de educá-las. Mas hoje a máscara caiu. Não é mais (dizemos isso com sofrimento até às lágrimas, em vista dos danos gravíssimos e irreparáveis que virão para a Igreja e a pátria, os dois supremos amores da nossa alma), não é mais para formar, como eles dizem, nações fortes e grandes, ou apenas para limitar a um aspecto o poder da Igreja, que se quer deixar a juventude à mercê do poder laical. É para arrancar das almas ainda tenras todo sentimento de fé, toda idéia de Deus. Sem mistério, agora, se confessa isto à luz do dia.

De início, os pais especialmente, não deram muita importância para o que havia de sutil, mas já começam a se dar conta da traição e se levantam a proclamar seu inalienável direito de fazer ministrar aos filhos uma instrução sadia e vivificante, como é a que se ministra em nome de Deus, na Igreja. Em várias partes do mundo por este sagrado direito, espezinhado hoje de maneira bruta, se combate gloriosamente. E entre os que são chamados ao santo ministério da educação, quem não se considera feliz de lançar-se à luta, quando se está para decidir a sorte comum, e de colocar-se a serviço da causa católica, atacada por todas as partes, e quanto pode ter de talento, de substância, de amor e, por fim, de vida?

Amados Párocos! É ao vosso zelo, à vossa caridade que apelamos acima de tudo. Não é necessário que vos recordemos as comoventes palavras com que o divino Mestre recomenda-nos o cuidado para com as crianças e também não é preciso, a este respeito, lembrar-vos os exemplos dos Santos, os decretos dos Concílios, as ordenações dos sagrados Cânones, as prescrições do nosso último Sínodo. Por outra parte conhecemos muito bem os enormes sacrifícios que, especialmente em certos lugares, no campo, sobre os cumes das montanhas, são enfrentados para conduzir a Jesus Cristo, graças ao ensino do Catecismo, estas inocentes criaturas. O que vos recomendamos com toda a alma é redobrar os esforços para cumprir sempre melhor este vosso dever supremo. Sobre este ponto tem muito ainda a ser feito. Tememos, sim temos medo, que não nos venha lançado em rosto aquela desordem que os profetas deploravam: *as crianças pediam pão e não havia quem lho repartisse!*...

Trata-se de alimentar a vida, não já material, mas espiritual das crianças com o pão da instrução religiosa. Deveis convencer-vos, Irmãos queridos, de que, talvez, hoje em dia, não exista obra mais santa e mais agradável ao Senhor, mais necessária e mais útil à sociedade civil, mais consoladora e mais meritória a vós mesmos. Com toda solicitude esclarecei as mentes, combatei a ignorância, destruí os preconceitos, tornei conhecida e amada a religião, começando justamente desde a primeira infância.

As crianças, dizemos-lhes com as palavras cheias de sabedoria e de prática de um eminente Bispo italiano, acolhei-as com amor e com doçura paterna quando elas vêm a vós, e se elas não vêm, à semelhança do divino Pastor, perguntai por elas, procurai-as pelas ruas e pelas praças, sacudi a inércia e o descuido dos pais, insisti junto a eles, suplicai-lhes para que mandem seus filhos ao Catecismo. Longe os castigos e as recriminações, longe os modos duros e ásperos que os afastariam de vós. Fazei-vos crianças também vós, se necessário, a fim de ganhá-las para Jesus Cristo. Não deis importância à sua negligência e indocilidade, compadecei-vos da dureza e lentidão em aprender o que ensinai; nunca vos mostreis cansados ou aborrecidos com elas. Com uma caridade sem limites, contínua, criativa, paciente, benigna, que tudo sofre, que tudo espera, precisa suprir a deficiência de meios e a falta de autoridade, que o tempo e os homens nos tiraram. Numa palavra, não vos deis sossego enquanto, aos domingos e dias festivos não virdes ao vosso redor a bela coroa de todas as crianças da Paróquia. Nas instruções sede breves, claros e simples. Vossos modos sejam amáveis e atraentes: tornei amena a aridez do ensino, entremeando contos interessantes e morais para unir o útil ao agradável e despertar nelas a vontade de serem assíduas às vossas instruções. Onde os Párocos não têm coadjutores ou estes não forem aptos, dirigi-vos a alguns

bons leigos, a alguma pia senhora, para que vos ajudem, recolham e conduzam à igreja os meninos e as meninas e mantenham o necessário silêncio.

Instruí os filhos que a Igreja vos confiou e seja educativa a vossa instrução, porquanto, gravai-o bem, em nada de bom resultaria um som de lábio vaidoso e estéril, se a palavra não se converter em um sentimento. Instruí com afeto e caridade e instrui sempre.

Também aqui não saberíamos vos expor o nosso pensamento sem fazer nossas as palavras oportunas de um sábio Purpurado. Toda ocasião que se apresenta deve ser boa para ensinardes. A primeira Eucaristia, a Crisma são as ocasiões mais comuns. Porém não basta. Deveis catequizar os jovens na igreja, em casa, na rua, na escola, nas conversas familiares, nos sermões, por toda parte e sempre. E não só os pobres e os camponeses aos quais deveis ter um amor todo particular, mas também aos nobres e aos burgueses, porquanto todos são igualmente filhos de Deus e da Igreja, e diante do ministro de Cristo não há rico ou pobre, nobre ou plebeu.

Importa sobretudo que vençais um grave preconceito, muito enraizado, isto é, que o Catecismo se tenha de ensinar somente às crianças, assim que a Mãe Igreja, após ter-nos nutrido amorosamente com o leite da santa Doutrina, de criança ou adolescente, nos deixe depois à nossa sorte. Na verdade a Igreja não nos deixa entregues a nós mesmo, nem uma só hora de nossa vida, pois que sua maternidade é perseverante, contínua, incansável. Cada idade e condição da vida necessita de especial e de mais farto alimento da doutrina. Catequizei, pois, também os adultos. O catecismo deve ser em suas mãos uma arma poderosa para vencer as terríveis batalhas da vida, e devem, sobretudo, ensinar a que fujam do pecado, santifiquem a dor na paciência, vivam sempre com Jesus Cristo, imitando os seus exemplos e mantenham o coração na esperança da vida futura. Uma instrução catequética que não consiga estes frutos, não é digna de um ministro de Jesus Cristo e da Igreja, é antes morta ou quase morta.

Existem pessoas que requerem, de modo particular, vossas atenções mais solícitas e afetuosas e são, como já vos tenho dito em outras ocasiões, os surdos-mudos e as surdas-mudas, que se encontrassem, por ventura em vossas Paróquias. Eis que também essas, pelo vosso ministério alcancem, quanto antes, o conhecimento das verdades e regenerados possam sentar-se a este festim do espírito! Não insistiremos a este respeito, tanto mais que tomamos conhecimento, com verdadeira satisfação, que alguns cidadãos graças à ajuda da imprensa pública, estão se ocupando, com nobre empenho para amenizar também esta desventura. É uma feliz ocasião para recomendar-lhes um comum reconhecimento.

Devemos fazer-vos outra advertência, que é da máxima importância e sobre a qual peço toda a vossa atenção. Como sabeis, novas disposições foram recém emanadas do Ministério da Pública Instrução, segundo *as quais será dado pelas Prefeituras, nas horas, nos dias e nos limites estabelecidos pelo Conselho Escolar, o ensino religioso aos alunos, cujos pais o pedem*, e além disso, mesmo que de modo excepcional e transitório, *poder-se-á, como o consentimento do Conselho Escolar, confiar a algum professor especial o encargo de ensinar Religião, dentro da escola ou classe.*

Apressai-vos, portanto, a tornar conhecidas, aos pais, estas disposições, avisando-os com freqüência, na igreja, e se for necessário, também em particular, sobretudo, no tempo das matrículas anuais, da grave obrigação de consciência que os incumbe de pedir o ensino religioso para seus filhos, não só isto, mas vigiareis para que esta vontade dos pais seja escrupulosamente cumprida. E se o mestre não soubesse ou não quisesse prestar-se a ensinar o Catecismo, interessar-vos-eis para que outra pessoa, idônea e competente, supra esta carência.

Amados Párcos, não poupemos solitudes, nem intentos, nem fadigas, em salvar

almas. Se o mundo se obstina em desconhecer os contínuos benefícios que recebe de nós, e nós prosseguimos com sacerdotal constância em vencer o mal com o bem, contentando-nos de ter Deus por testemunha do nosso humilde, obscuro e no entanto, tão precioso trabalho. Virá o tempo em que, esses mesmos que desprezam e ironizam nossa obra, serão os primeiros a reconhecer a paciente fortaleza com que nós, no tempo da desgraça, antes de perdermos a esperança no futuro, sabendo que Deus salvou nações, pensávamos com amor na preparação de materiais para a restauração social com o ensino do Catecismo.

Mas a obra dos sacerdotes não poderia alcançar plenamente seu objetivo se não fosse coadjuvada pelos pais. A vós, portanto ó pais e mães que, fazeis trabalhos no lugar dos sacerdotes, ainda uma palavra. Os lábios dos pais, escreve S. Gregório Magno, são os primeiros livros dos filhos. Sim, compete a vós educá-los como ensina o apóstolo, na disciplina e na instrução do Senhor, isto é, na santa lei e na doutrina do evangelho. Como desde o berço vós os acostumastes a vos cumprimentar, a vos fazer uma saudação, uma carícia, a balbuciar o vosso nome com seus lábios infantis, assim desde o berço acostumai-os a juntar suas mãos para saudar devotamente o Senhor, a pronunciar com respeito o Nome Santíssimo, a invocá-lo, a adorá-lo em todo lugar e a unir-se a Ele com vínculos da fé, da esperança e do amor. Colocai desde cedo em seus lábios os doces nomes de Jesus e de Maria. Quando vos chamam pai, ensinai-lhes que eles têm no Céu um outro pai infinitamente mais poderoso e sem comparação melhor e que é seu Criador e seu contínuo benfeitor. Quando vos chama pelo nome de mãe, dizei-lhe, como Jesus a João, apontando-lhes a imagem de Nossa Senhora: filho, eis a tua mãe. Acostumai-os em tempo a dirigir para Deus a própria oferta pela manhã e à tarde, e fazei-lhes compreender que Deus se compraz de ser louvado pela boca das crianças.

Não percais, pois, ocasião para colocar em seus corações sentimentos nobres e elevados, para elevar suas mentes com pensamentos celestes. O vosso ensinamento se divida e se dilua em cada ação, e não estando revestido do severo aparato da cátedra, não se sinta sua aridez e não se torne enfadonho, saiba fazer-se entender e agradar tanto ao lento como ao de fácil talento, que dado em uma palavra, um aceno, e até com um olhar, um sorriso, traz consigo o preceito e o incentivo para praticá-lo. A instrução religiosa é o objeto da razão e do sentimento: a razão é dos adultos, o sentimento é das crianças, portanto a mãe em quem predomina o sentimento, é também a educadora mais amável e mais poderosa. As lembranças de uma mãe não se esquecem nunca mais. O célebre Wagner, na morte de sua querida mãe, como que a se desvencilhar da vida dissipada que até então levava, assim escreve a um amigo: - Oh! Como me é grave a lembrança dos meus erros de juventude. Oh! O que eu não daria para reaver minha mãe, nem que fosse por uma semana apenas e poder lançar-me a seus pés, chorando o arrependimento e a angústia que me pesam no coração! E tu pelo menos, querido amigo, não aborreças nunca teus parentes... Deus, e depois de Deus, os pais... todas as outras coisas são secundárias!... – Eu teria sido um ateu, disse outro célebre autor, se não fosse a lembrança daqueles dias em que, a falecida minha mãe acostumava juntar minhas mãozinhas infantis, fazer-me ajoelhar e repetir: Pai nosso que estais no Céu...

Ó mães, comprazei-vos desta doce e sublime influência que vos concedeu o Criador, comprazei-vos em educar filhos dignos Dele e poder oferecer-lhe cada dia hóstias vivas e agradáveis. Vós sois os sacerdotes da casa, como o Sacerdote é a mãe, na Igreja. Todas as vossas delícias estejam no formar Jesus Cristo no coração dos vossos filhos. Rafael se immortalizou pintando sobre a tela os traços de nosso Senhor transfigurado. Mais feliz e maior a mãe cristã que faz de seus filhos imagens vivas do Filho de Deus. Mais que um famoso pintor ela pode dizer: *pingo aeternitati*, trabalho para a eternidade!

Ouvi o afetuoso convite que uma de vós dirigia, não há muito tempo, a todas as mães cristãs:

“Ó mães, falemos aos nossos filhos, aproveitando a ocasião de tudo o que pode impressioná-los. Falemos aos nossos filhos de Deus no silêncio contemplativo de numa noite serena, em meio ao fragor do trovão, e sobre as ondas solitárias do mar. Falemos-lhes de Deus quando, ao término de um dia de outono, vemos entre vapores interpostos, como que através de um véu sutil, aparecer as colinas, os bosques, os vales e todos os objetos, o reflexo daquela luz melancólica, tomar várias cores e muitas formas.

E então pela tarde, ao som dos sinos, o longínquo ruído das águas caindo e o murmúrio das folhas, que docemente convidam à melancolia, falemos-lhes de Deus.

E se virmos suas mentes comoverem-se e enternecerem-se aos prodígios da arte, às melancolias da música, ao ouvir algum fato glorioso, alguma prova de elevada virtude. Ah! Não deixemos de falar-lhes de Deus!

Mostremos a eles em todas as coisas a importância da bondade, da grandeza, da onipotência de Deus. Da harmonia que une e conjuga as várias partes do universo, façamo-los deduzir a obrigação imposta ao homem de viver em harmonia com o fim pelo qual foi criado”.

Eis de que modo deveis, ó mães, educar os filhos que o Senhor vos deu. Recordai-vos, porém que no cristianismo o verdadeiro culto não se restringe a um sentimento vago, mas se manifesta e se sustenta com as práticas externas. Deveis, portanto precedê-los com o exemplo no exercício de toda boa obra.

Sobre isto também vós, ó pais, sede vigilantes em modo particular. O exemplo vale infinitamente mais que todos os discursos e todos os preceitos. Este tem toda a autoridade do comando, mas junto toda a doçura do convite, tem uma atração maravilhosa em todas as idades, mas na infância pode tudo.

Portanto, ai de vós, pais, se na vossa conduta os vossos filhos perceberem atitudes não honestas e não cristãs. Não haveria lágrimas suficientes para chorar as conseqüências dolorosas. Jesus Cristo deixou registrada no Evangelho aquela tremenda sentença: *Quem escandalizar algum destes pequeninos que acredita em mim, melhor seria que lhe fosse atada ao pescoço uma pedra de moinho e fosse submerso nas profundezas do mar.*

Seja vossa máxima diligência, ó pais, afastar da família qualquer influência deletéria, em todas as coisas sede modelo de virtude para vossos filhos. Que eles vos vejam com freqüência no templo, que vos vejam em casa rezar, que vos ouçam falar com reverente afeto sobre a Igreja, de seu augusto Chefe e seus sagrados ministros, de cada palavra vossa, de cada ação de vossa vida, eles vejam transparecer a fé em Deus, a caridade para com os irmãos e a suave união de uma piedade firme e profundamente radicada no coração.

Além disso, velai atentamente sobre os vossos filhos e fazei com que eles nunca faltem à Doutrina Cristã, nunca, nunca. Procurai, inclusive, acompanhá-los vós mesmos.

Prestai atenção, enfim, a que mestres os confiais e a que escolas. Assegurai-vos bem de que lhes seja ministrada, como se deve, a instrução religiosa e recordai-vos ser este um vosso direito, um direito inalienável e sagrado que ninguém vo-lo pode tolher ou impedir. Sobre este ponto não vos deis trégua. Falai alto, sede severos. A responsabilidade é toda vossa, vós deveis dar, a Deus, estreitíssima conta.

Certamente que o cumprimento de todos estes vossos deveres requer de vós cuidados infintos e não poucos sacrifícios. Quantos esforços, ó meu Deus, e quantas lágrimas

custam os filhos a seus pais! Coragem, nós vos dizemos, ó pais e mães cristãs. Um grande prêmio vos é reservado no Céu. Aliás, desde aqui embaixo Deus vos proporciona alegrias desconhecidas a todos os outros mortais. São as alegrias da educação cristã. Estas crescerão com o crescer dos anos. Crescerão ao recolher os frutos salutares dos vossos esforços. A concórdia e a paz reinarão nas vossas casas. Vossa velhice será respeitada, a vida passará tranqüila, serena e consolada pelas boas obras dos filhos, abençoados por Deus e pelos homens. E quando chegar para vós o último dia, quando verdes a coroa de filhos vossos, ao redor do leito de vossa agonia, oh, de quanto conforto vos será o testemunho da boa consciência! Com que suave confiança sentireis aproximar-se Cristo Juiz!

Ao finalizar, o nosso discurso se volta a vós todos, ó filhos nossos caríssimos e vos esconjuramos por tudo o que há de mais sagrado no Céu e sobre a terra, de dar-vos todos as mãos nesta obra de regeneração universal, qual é a educação cristã da juventude. Favorecendo as escolas cristãs com a difusão de bons livros e jornais, com vossa adesão às associações católicas, com o argumento do decoro ao culto divino, com o tomar parte às sagradas funções, com o remover das causas que impedem a obra do clero, com o impedir escândalos públicos, com o professar-se francamente católicos e com mil outros modos, vós podereis influir saudavelmente sobre as novas gerações, podeis vós também contribuir à comum salvação. Levantai-vos, pois e, na medida de vossas forças, agi sem nunca vos cansar.

Eduquemos, eduquemos! Com a educação cristã nós podemos tudo, sem essa que adianta tudo o resto? Se quisermos ver reflorescer as artes, as letras amenas, as disciplinas humanas, convém que a fé volte a reavivá-las. Se queremos o verdadeiro progresso da ciência, convém que a semente da celeste doutrina seja espalhada a mão larga no campo do Senhor e que desde os mais tenros anos se infunda na alma dos jovens os ensinamentos da Igreja católica. Quanto mais os inimigos da Religião se ocupam em semear doutrina que ofuscam a mente e corrompem o coração, tanto maior deve ser o empenho dos pais e dos mestres a fim de que aos seus filhos e aos seus discípulos sejam ensinadas as verdades católicas. A uma ciência falsa, inimiga da fé e da própria razão, devemos opor uma ciência apoiada sobre sólidos e imutáveis princípios, conformes à razão e à divina revelação, não podendo nunca ser contrários entre si os ditames da fé e da razão, sendo Deus supremo autor de uns e de outros. E base do verdadeiro saber é o Catecismo católico, não esqueçais. Ensine-se o Catecismo pelos pais nas casas, pelos sacerdotes no templo, pelos mestres nas escolas, e do Catecismo aprenderão os filhos a venerar os pais, que são imagem do Pai celeste, do Catecismo aprenderão os súditos a respeitar nos príncipes a autoridade que vem de Deus, do Catecismo aprenderão todos aquela caridade que nos faz semelhantes a Deus e nos torna úteis aos nossos irmãos.

Qual tempo mais propício para isto que a iminente Quaresma? Aproveitemos dela, ó meus diletos filhos, com ânimo alegre, e dirijamos as nossas mortificações, os nossos jejuns e nossas orações ao santo escopo de obter de Deus que todos os educadores, os pais e as mães especialmente, cumpram como convém sua sublime missão. Rezemos também para que a Igreja católica, nossa terna mãe e mestra infalível, cada vez mais reafirmando o seu reino nas mentes e nos corações, em todas as partes do mundo, nos seus membros e no seu Chefe augusto, triunfe esplendidamente.

Abençoamos todos vós, veneráveis Irmãos e Filhos diletos, com toda a efusão do coração, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Piacenza, Palácio Episcopal, neste dia 7 de fevereiro de 1889.

+ João Batista Scalabrini, Bispo.

## FONTE BIBLIOGRÁFICA

I Contemplative nel mondo, Giovanni Battista Scalabrini, Lettere Pastorali, Edizione Integrali – a cura di Ottaviano Sartori, páginas 441-459. Società Editrice Internazionale, Torino, ottobre 1994.

Documento No.10, Animação Geral do Apostolado das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, Roma, 1997, EDUCAÇÃO CRISTÃ Carta Pastoral de João Batista Scalabrini, Quaresma – 1889.